

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

REDACÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO
ADMINISTRAÇÃO
Rua Infante D. Henrique, 27 e 33
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70
Anúncios permanentes, contra-
cto especial.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR—João de Sousa (Mário Silveira)

ADMINISTRADOR—Avelino Gomes de Sousa

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL'

COM A IGREJA

Não haverá quem possa dizer-se insuficientemente instruído acerca da necessidade, que a própria Igreja reconhece terem os católicos, de estes, como católicos, intervir nos actos eleitorais a que como cidadãos sejam chamados.

Na verdade a Igreja não tem deixado de aconselhar, pela palavra escrita e falada de quem de direito, a intervenção dos católicos, como tais, na vida pública nacional, e principalmente nos actos eleitorais. A todos a Igreja tem insistentemente pedido o sacrificio das paixões e simpatias partidárias em beneficio da mesma Igreja—em beneficio, digamos, da causa de Deus.

E' justo o empenho da Igreja, e justo é que satisfaçamos todos a esse grande dever de ouvir e obedecer-lhe.

E chega a oportunidade de se tornar efectivo o sacrificio das preferencias partidárias que a Igreja instantaneamente recomenda aos eleitores católicos, pois vão fazer-se as eleições para deputados e senadores, para as camaras municipais e para as Juntas de freguesia, aonde, nesses organismos e para bem de todos, é necessario que esteja suficientemente representada a corrente católica, não para fazer a politica da nação.

E' conveniente ter-se presente que o paiz é hoje, como será amanhã, o que forem os legisladores escolhidos pelo povo, o que forem os vereadores que o povo escolha para a administração dos municipios, o que forem os vogais das Juntas de freguesia que o povo prefira para por à frente da administração local.

Não haja duvidas a este respeito. O paiz é—o que as urnas tiverem querido que o paiz seja.

Se o paiz, os municipios e as freguesias tiverem tido e venham ainda a ter administração má, deszelosa—a culpa é dos eleitores, é daqueles eleitores que fazem uso do voto sem consciencia da grave responsabilidade que ele representa e sem

a noção da importancia do sufragio.

O nosso povo é católico. Vem de muito longe, do começo da nacionalidade, esta qualidade que o tem imposto à consideração do mundo culto. E' católico por tradição, e é católico por educação também.

O nosso povo reza, faz oração. Rezou em Ourique, diante do proprio Jesus Cristo, ao fundar-se a Patria.

Rezou e orou sempre que conquistou a victoria das almas sobre os infieis. Teve sempre, como penhor da victoria, a fé que o acompanhou nas suas empresas.

A Nação Portuguesa é católica, por tradição e por educação. O nosso povo aprende nos livros a educação civica e religiosa—lendo a Historia da Patria.

O nosso povo, que é um povo que faz oração, que vai à missa, que cumpre as determinações da Igreja, em materia de fé concorrendo de boa vontade para os actos do culto—tem sobre ele o imperioso dever de também ser católico e de afirmar-se como tal, quando é chamado às urnas.

Acima de tudo está Deus! Os interesses de Deus são a primeira condição apresentada à consideração dos católicos. Temos depois os interesses da Patria, que nada contrariam os interesses de Deus.

E se a razão conduz a este facto—como é que poderá haver um católico sincero; um sincero cristão, que distinga entre o dever do católico na Igreja e o dever do mesmo católico nas urnas?

Qual é o nosso dever, quando a Igreja insistentemente e com toda a claresa nos convoca a usar do nosso direito de voto, servindo a Deus?—Será tapar os ouvidos quando a Igreja assim nos fala e abril-os quando os politicos nos dizem que abandonemos a Deus e que sigamos o partido?

Não!
O nosso dever é seguir com a Igreja.

MELHORAMENTOS

LOCAIS

III

Por imposição profissional executei uma prolongada serie de reconhecimentos e levantamentos topográficos expeditos em redor de Barcelos. Do inicialmente simples cumprimento de obrigações regulamentares saiu a ideia, do meu comandante de então—hoje coronel reformado (1) José Augusto Cardoso em tudo distintamente correcto e dos mais completos chefes que tive de dotar o batalhão com trabalho proprio por forma que todos nós enquadramos na instrução bem conhecêssemos a zona circunjacente à vila. E a situação de Barcelos, quase no centro do concelho divisível em quatro sectores regulares pelo rio «deste-oeste» e por estradas «sul-norte», prestava-se a fazer-se trabalho suficiente. As cartas officiais eram em escola demasiadamente reduzida, os trabalhos existentes poucos sendo impossivel certificarlos num todo aproveitavel.

Chegamos a concluir a figuração topográfica do sector SO, entre o Cávado e a estrada municipal n.º 5 atingindo o extremo da diagonal o monte da Franqueira, numa área de quatro ou mais kilometros quadrados. Essa primeira e unica etape do nosso trabalho verteu-se para uma folha de carta 1/10.000 a cores remetida ao Estado Maior do Exercito mas... nunca lá chegou sumida em qualquer encrusilhada dessa coisa tremenda que se chama *vias competentes!* Na verdade pouco ou nada se perdeu e porque *aguas passadas não moem moinho* esta referencia sédica a labútas quase de todo sepultadas em crescente esquecimento vem tão sómente a propósito por explicativa de como, nesses passeios em

O nosso dever é obedecer à Igreja.

E o Centro Católico Portugues que representa o objectivo da Igreja no terreno politico, é um organismo que bem serve a Igreja. Não duvidemos dele a este respeito. O Centro Católico Portugues é o instrumento da Igreja nesse terreno. E indó nós com ele vamos com a mesma Igreja.

Bastantes são os elementos vindos já a publico a comprovar esta afirmação que fazemos.

Aguardemos por isso as instruções que nos forem dadas por quem de direito, para bem servirmos a causa católica nas proximas eleições.

Mário Silveira

volta de Barcelos—vendo a povoação em todos os seus aspectos, de dia para dia e cada vez mais encantado com a belêza e mimo da paisagem, colhendo sem querer conhecimento de coisas antigas da terra,—me lembrei de quanto seria curioso e interessante figurar a evolução o desenvolvimento topográfico, através dos tempos, da vila onde sou hospede ha quinze anos. Não conhecia trabalho anterior nêse particular de maneira que à curiosidade do assunto se ajuntava a meu ver originalidade. Num esboço—já se vê sem a preocupação de rigorismos—ficaria bem colorir as fâses de crescimento da Dona do Cávado, aninhada de começo junto ao rio, coraçada no seculo de quatrocentos com os *muros Torread's* do conde D. Afonso, alargada depois com o poligono de marcos do duque D. João e estendendo-se por fim mais amplamente com a abertura de estradas e construção da via ferrea. Quanto mais não fôsse conseguiria muitas horas de entretenimento inofensivo embora de somênos utilidade. Esse projecto está creio quasi em via de chegar a porto de salvamento.

Mas agora me contornei que tem isto com o titulo pomposo de *Melhoramentos Locais*—posto no tópo destas escrevinhadelas?

Tem que esquadrinhando os cantos do povoado e palestrando com o cronista local Bento Antas—repositório

vivo de noticias antigas de Barcelos—reparo de ha muito no tal ou qual abandono em que estão certos bairros da vila. E não é ela tão extensa que não seja possivel destinar algumas verbas à conservação de passeios, limpeza de largos interiores e semelhantes arrebiques não sem importancia. Ainda ha pouco, rectificando umas notas sobre o circuito muralhado construído em tempo do 8.º conde de Barcelos, fui ver a direcção conjecturalmente exata do muro desde a Porta do Vale «ou do Valo provavelmente» até à Porta da Fonte de Baixo. O estado do Largo da Fonte de Baixo merece reparo. Bem sei que é *apartamento interior* em Barcelos mas exactamente por isso que o seu estado não obrigue os *intrus's* a munirem-se previamente de *papier d'Arménie!*

Quem caminha como eu todos os dias a vila de ponta a ponta dá uma prova de forte resistencia porque desde a embocadura da ponte até às *bras* não ha nos passeios duas lages ao mesmo nivel! Pê acima, pê abaixo numa gymnastica especial e para não usar funda-no perigo se não de quebradura com certeza de alguma *ingua*—escolhi as pedras e a coisa va. Mas quem reparasse em mim duvidaria do equilibrio das minhas facultades: devo parecer um galináceo às pernas das exóticas!

Barcelos 20-9-25.

José de Mancelos Sampaio.

Por aqui, por ali, por acolá

Ministros da república nem só um cristão velho: tudo judeus ou cristãos novos, embora sempre com o voto muito fixe do sr. Lino Neto que não sabemos as relações de sanguinidade que possa ter com «o judeu português David Neto, rabino da sinagoga de Londres»—«Invasão judaica» pg. 61. (De Barc. 8-8-1925).

Faço esta transcrição, retomando o ponto de partida da ligeira polémica que venho entretendo com o sr. A. L., para que se lhe não desvirtue a intenção ou significado, crendo, ou fazendo crer que estou a defender a república ou a atacar a monarchia. Nada disso. Nessas contendas sou independente.

Vinha observando com certa curiosidade aquela *charge* desabrida que o sr. A. L., em tiradas farfalhadas, vinha atirando contra a republica, de cambulhada com judaismo e maçonaria. Saltava aos olhos de todos que aquilo, sob o ponto de vista histórico e real, pecava por excesso; era carregar a carta de mais... Mas, e talvez por isso, os republicanos não lhe ligavam importancia. Nem eu tinha que ligar.

Verdade é que através daquela miscelânia—judaismo, maçonaria, republica—mexida e remexida afanosamente, para dar em resultante... o puro demónio, se visava indirectamente o Centro C... Realmente se a republica (confundia-se insistentemente regimen e legislação) fosse, como por força se cuidava fazer crer, ... o vivo mafarrico, claro que o Centro não podia em nada pac-

tuar com ela e tinha que jungir-se ao carro dos monárquicos, tanto mais que ue eles estavam agora a desenvolver um *trop* de zelo pela Religião e pela Igreja, que até queriam tomar a dianteira e o logar daqueles que «pelo Espirito Santo foram colocados para reger a Igreja de Deus».

A certa altura porém o sr. A. L. não teve mão em si que não atirasse com o sr. Dr. Lino Neto para o meio d'uma dr. suas longas tiradas judaisantes de... meio mundo português, instalando o prestigioso e abnegado *leader* católico entre os «ministros da republica... tudo judeus ou cristãos novos...» e «o judeu português David Neto, rabino da sinagoga de Londres». Era pôr mais a descoberto os intuitos hostis contra o Centro, até ali velados na campanha «judaismo-maçonaria».

Foi então que eu saí á estacada, rebatendo a insinuação malévola contra o illustre homem de sciencia e prestimoso chefe do Centro C. O sr. A. L. não ousou contestar as minhas considerações, declarando até que aquilo não fôra insinuação... O leitor examine a transcrição no principio; e julgue. Foi então que eu notei

haver no maço do trabalho do sr. A. L., a par de muita coisa de historico, algo de *lenda*, de *romanesco*, de *caricato*, v. gr., o engraçado *apendice caudal* e umas que tais anomalias sexuaes.

Inde irae. S. Ex.^a queria por força que tudo aquilo que vinha publicando seja historia de pura gema e realidade inconcussa. E por isso, julgando o meu asserto como uma profanação ao seu trabalho, mal homorado, tem tratado de o combater conforme pode. O seu melhor argumento, ao que parece, é este: Que não tem avançado no seu trabalho afirmação alguma que não esteja contida nalgumas das obras recentes que lhe tem sido base de estudo. E enumerou essas obras. Mas, coisa curiosa: entre essas obras, mencionou uma cujo titulo, já de si, não abona muito a sua pretensão. E' a intitulada *Romance Historico de...* Quem diz *romance*, mesmo com a sobrecarga de *historico*, diz algo de imaginario, de romanesco, de ficção, de mito, de parecido com *lenda*... Eis já uma indicação geral a confirmar o meu modo de vêr; e da parte de S. Ex.^a a indicar talvez um excesso de boa fé em acreditar como real tudo o que por lá viu em letra redonda.

Uma dívida em aberto: Caso de filologia elementar. Entre os casos concretos que aduzi em abono do meu ponto de vista estão o caricato *apendice infra-vertebral anormal* (rabo...) dado como *distintivo étnico ou rácico dos judeus* e a derivação de *republicano*, partindo de *publicano-judeu*.

Quanto ao primeiro ponto, o sr. A. L. parece que tem arredado ou adiado a questão. Quanto ao segundo—*publicano gerou republicano*—s. ex.^a pegou-lhe com mais alma e, depois de notavel dispendio de palavriado, fixou, em tom de axioma ou lêma, esta génese:

«*Judeu (publicano)*: desde as invasões até aos principios do seculo XVI. *Cristão novo*: desde a Inquisição—a procurar integridades na unidade nacional—pelo batismo e pela pratica da religião cristã—até Pombal. *Liberal*: desde Pombal e estabelecimento da maçonaria (poderes judaicos), que enxertaram na raça portuguesa o sangue judeu com a navalha de ponta e mola dos pombalicos decretos, até 5 de outubro de 1910. Desde esta data até... (?) *Republicano*» (Barc. 5-9-925). Assim, com redacção e tudo...

Ora, a meu ver, isto pode estar muito bonito como arranjo espirituoso de romance ou bateria *carregada* de ataque; mas como expressão da verdade historica e filológica, não.

Em 1.º lugar continuo a crêr que *publicanos* eram uma classe em grande parte estranha aos judeus; e que os mesmos judeus que por necessidade ou outros motivos ingressavam nessa classe odiosa de funcionarios eram considerados e medidos por estrangeiros, como que excomungados. «Se não ouvir a Igreja, diz uma passagem da Escritura, *sit tibi sicut ethenicus et publicanus*».

Mais: A propria palavra *publicano* é uma palavra *latina* e não hebraica. Quando é certo que os diversos nomes daquele povo—hebreus, judeus, israelitas—; e os nomes que vincavam as suas seitas ou partidos—*fariseus, saduceus, essénios*—passaram, intactos, para as linguas posteriores. O que demonstra que *publicanos* era uma classe exótica, aderente violentamente aos judeus.

Mais ainda: Ha de ser difficil, creio até impossivel, encontrar na Escritura referencia a *publicano* em época anterior à dominação romana.

E ponto «que o comboio foge». Quanto á casca de sobreiro... de noz... de laranja! ainda veremos coisas lindas. V. A.

AVÉ MARIA

(Conto)

Cae a tarde. Ao longe, muito ao longe, os ultimos raios do grande astro que ilumina o mundo, espraia a sua doce claridade pela imensidade do horizonte. A natureza, entoando um hino de tristesa desdobra o pesado manto do silencio; tudo parece adormecido. Os campos tingem-se de cores sombrias; o mar, perde pouco a pouco os seus tons azulados, breve substituidos por um acinzentado monotono. Só o toque das Avé Marias numa capelinha proxima quebra momentaneamente a quietação geral das coisas trazendo as creaturas á realidade, á vida. Uma vida santa, uma vida feliz, mas uma vida em que é preciso agir em vez de sonhar, em que precisamos orar para podermos agir! E, nessa hora de austera poesia, que o homem num cogitar alheio á sua vontade, encara desassombadamente a propria consciencia. E' a hora da meditação; das vivas recordações, dos sinceros arrependimentos, da mais pungente saudade; é tambem a hora em que se experimenta com maior intensidade, a enorme, a infavel ventura de *saber sentir e de saber perdoar!*

Cançada talvez de contemplar as ricas e pesadas tapeçarias que adornavam o seu palácio, a viscondessa, em obediencia ao seu ultimo capricho, faz uma pequena excursão pelos arredores de B...

Vivendo num meio em que a frivolidade é o microbio de mais facil transmissão, ela perdera, nesse convívio forçado com espiritos mal equilibrados, a faculdade de se entusiasmar por qualquer revelação do Poder Divino sob a forma do que é grandioso e belo. Manifestações dessa ordem deixavam-na indiferente, se é que se pode dar o nome de indiferença ao enfado daqueles que, não compreendendo a linguagem da alma se limitam a aborrece-la.

Porem, naquela amena tarde de Maio, num quadro tão propicio a pensamentos elevados, dir-se-ia que a viscondessa se impressionava subitamente, por tudo o que a cercava. Os seus olhos perdidos pelo espaço, dirigiam aos ares uma inquietante interrogação; ao devaneio seguia-se um supersticioso receio e, num arranço de sentimentalismo, a viscondessa recorda...

Recorda um tempo bem distante; os dias em que, ao lado de sua mãe, ela praticava a mais humilde e santa caridade—dessa que não escolhe ocasiões para se manifestar, obedecendo apenas ao espontaneo desejo de suavisar os males alheios—caridade que nela teria tido um dos seus mais fieis interpretes se não se tivesse deixado influenciar pela atmosfera do seu mundo. No espirito da viscondessa inoculava-se bem depressa o veneno da futilidade e do egoismo; era mais um vitima da propria fraqueza. Nesse momento de torturante revolta intima, ela vê claramente quaõ frageis são as bases onde assenta a sua felicidade.

Mas, seria assim realmente feliz? Que lhe faltava? Porque vinha o tédio,—esse mal terrivel que aniquila a nossa energia, escurecer os seus dias, embrutecendo-lhe, por assim dizer, os sentidos? Porque conhecia ela, a quem a sorte bafejára dum tamanho sôpro de ventura, algumas horas de profundo abafamento moral, durante as quais se sentia só, completamente só, no meio das suas grandezas e dos seus triunfos? Eis as perguntas que a si propria formula agora que, pela vez primeira, descobre na voz da natureza adormecida, transportes de ternura para os que sofrem; côros de alegria para os que riem. A essa mulher, a quem atribuiam a posse de to-

A semana religiosa

SETEMBRO
27—Dom. 17.º do Pent., semid.
28—Segunda-feira S. Wenceslau, M., semid.
29—Terça-feira *Dedicção de S. Miguel Arc.*, solene de 1.ª ord.
30—Quarta-feira S. Jeronimo, C. Dr., dupl.

OUTUBRO
1—Quinta-feira S. Remigio, B. C., semid.
2—Sexta-feira SS. Anjos da Guarda, dr.
3—Sábado Cantico dos Cant. da B. V. M., semid.

Dias santos: dispensado, na terça-feira.

Jejum, não ha.
Abstinencia, na 6.ª feira para os que não tem os indultos.

Nota. No sábado, vigilia de S. Francisco, *Jejum* para os terceiros franc.

Indulgências plenarias, applicaveis só pelas almas do Purgatorio (Ano Santo): No domingo, aos terceiros e nas igrejas franciscanas; na terça-feira, aos terceiros franc., aos associados da Agregação do SS. Sacramento e da Conceição; na 6.ª feira, aos associados do S. Coração de Jesus (1.ª sexta-feira), da Conceição e terceiros franciscanos.

S. Coração de Jesus: Reunião de zeladores no domingo, 27; reunião dos associados na 6.ª feira, 2, com missa e mais exercicios proprios.

Mez do Rosário: E' desde 1 de Outubro a 2 de Novembro, inclusive, devendo recitar-se ao menos o terço do rosário, ladainha lauretana e oração a S. José durante a missa ou perante o Santissimo exposto. Os parocos podem transferir isto para os meses de Novembro ou Dezembro.

Evang. do Dom. 17 do Pent. Mat. XXII, 34-46.

Naquele tempo aproximaram-se de Jesus os fariseus: E um d'elles que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

Jesus lhe disse: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.* Este é o maximo e o primeiro mandamento.

E o segundo, similhante a este é: *Amar ao teu proximo como a ti mesmo.*

Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.

E estando juntos os fariseus, lhes fez Jesus esta pergunta, dizendo: Que vos parece a vos de Cristo? de quem é ele filho?

Responderam-lhe: De David.

Jesus lhes replicou: Pois como lhe chama David em espirito Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te á minha mão direita, ate que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabelo a teus pés?

Se pois David o chama o seu Senhor, como é ele seu filho?

E não houve quem lhe podesse responder uma só palavra: E daquele dia em diante ninguém mais ousou fazer-lhe perguntas.

Reflexões

Amar a Deus sobre todas as coisas. E' o 1.º dos chamados *2 mandamentos da caridade* e ao mesmo tempo é a formula, entre nós habitual, do *1.º mandamento da Lei de Deus*. Dos mandamentos da caridade, como origem e resumo dos outros mandamentos—centro de toda a moral, ainda ha pouco falamos no 12.º dom. do Pent. Hoje pois versemos o *1.º Mandamento da Lei de Deus*. Como os outros, este mandamento tem parte positiva e parte negativa. Assim.

a) *Ordena* que sejamos *religiosos*, isto é, que devemos crer em Deus, ama-lo e adorá-lo e servi-lo.

b) *Proibe* a impiedade, a superstição, a irreligiosidade, a heresia e a irreligiosidade, a heresia e a ignorancia das coisas da fé (Cat. do Pio X).

Explicação.
a) E' nos pois, em suma, ordenada a *adoração*, ou prestar culto a Deus.

dos os bens terrestres, condensados numa existencia de luxo e de prazer, faltava a unica protecção que não falece, o unico arrimo que não traveja, o unico preservativo contra o cansaço de viver:—a crença!

Na capelinha proxima, cuja alvura se advinhava ainda na escuridão envolvente, soou então o primeiro toque das Avé-Marias. Cheio de magestade na sua simples harmonia, foi ele o primeiro acorde de musica divina que ao espirito da viscondessa trouxe um intenso clarão de fé. Foi, para ela, o alvorecer de novas sensações, o despertar dum sono funesto; foi o raiar duma intelligencia, a libertação de *tudo um ser*; foi o primeiro passo na conquista da imorredoura tranquillidade,

Sabe-se que por natureza e educação todos nos sentimos inclinados a honrar os superiores e que essa honra (homenagem, consideração, respeito, veneração, que lhes testemunhamos é tanto maior quanto mais elevada é a pessoa a quem a tributamos. Desta forma honramos os pais, os velhos, os sábios, os superiores e grandes da terra, o soberano: honramos os anjos, os Santos (*culto de dulia*) e Maria Santissima (*culto de hyperdulia*) no Ceu. A Deus, imensamente superior a todos os superiores da terra e do ceu, honramo-lo com *culto de latria* (pelo qual O reconhecemos como Creador e Senhor supremo, e Lhe testemunhamos por isso a nossa dependencia e sujeição de criaturas e servos se us): tal a *adoração*.

A adoração pode ser *interna e externa*. E' *interna* se é feita só com as facultades do espirito. Adoramos assim a Deus pela fé (crendo todas as verdades reveladas por Ele e como taes propostas pela sua Igreja, o que é honra-lo como suprema Verdade); pela *Esperança* (aguardando d'Ele todos os bens, e conhecemo-lo como sumamente bom, fidelissimo e poderoso); pela *caridade* (sujeitando-lhe todas as nossas facultades e energias, honramo-lo assim como nosso fim supremo); pela *oração mental*, etc. E' *externa* a adoração se é testificada por actos externos. São adoração externa: o *sacrificio* (renunciando pelo sacrificio a uma coisa que nos é cara, atestamos que Deus é o nosso bem supremo e mostramo-nos pontos a dar por ele, tudo o que mais estimamos, a vida até); a *oração vocal* (testificação verbal da nossa miséria perante a riqueza infinita do Pae do ceu); *ajofelhar* (sinal de humilhação perante Deus); *erguer as mãos* (como que algemados e carecidos do socorro divino); *bater no peito* (como o publicano do templo, a exprimir que merecemos castigo, como peccadores), etc.

O culto externo subdivide-se em *publico e privado*. «Chama-se *publico*, se for prestado em nome da Igreja, por pessoas legitimamente deputadas para isso e por meio d'actos só destinados pela Igreja, a honrar a Deus, aos Santos e aos Bemaventurados; no caso contrario chama-se *privado*» (Dir. Can. 1256). Assim como a *côrte* nos actos officiaes tem o seu protocolo estabelecido, e as honras militares o seu ceremonial prescrito, assim a Igreja, velando pela gravidade dos actos do culto publico estatua as suas leis na *Liturgia*.

b) O que nos é prohibido. A *impiedade* isto é, a negação ou recusa de todo o culto a Deus

Superstição: o culto divino prestado a quem não é Deus, ou então prestado a Deus mas d'um modo *inconveniente*, usando, por ex., ritos inconvenientes, vãos ou prohibidos pela Igreja. Nesta classe entram a *adivinhação* nas suas diversas formas e o *espiritismo* a cujas sessões é prohibido aos fieis assistir. A *irreligiosidade*, com que se trata *irreverentemente* a Deus, ou directamente (blasfêmia, tentação a Deus): ou nas pessoas, cousas, logares sagrados (*sacrilégio* pessoal, real, local). A heresia isto é, negar ou pôr em duvida uma verdade de fé catolica. A *ignorancia das verdades da fé*, ou seja d'aquellas verdades que devemos crêr com fé explicita (crêr e saber) *necessitate praecepti* e principalmente *necessitate medii*.

Resoluções. Adoremos pois e amemos a Deus com um amor puro, exclusivo, de preferencia, sobre todas as coisas; com um amor fecundo e activo, que não consista só em palavras estereis, mas se traduza e desdobre em boas obras, que são a melhor prova desse amor e adoração.

Adoremos-lo, elevando a Ele repetidas vezes o nosso pensamento e dirigindo-lhe a miudo, para O honrar, as nossas acções que assim redobrarão de merecimento. Amemo-lo, evitando a todo o tranze o peccado que Ele detesta infinitamente. Jámais troquemos o Deus verdadeiro, Senhor supremo, onipotente, bonissimo, pela fementida, diabolica *trindade*, as riquezas, honras e prazeres mundanos—que os filhos do século adoram loucamente como seus idolos. Quem se divertir neste mundo com o demonio, não gozará no outro mundo com J. Cristo.

V. A.

BARCELOS EM TEMPOS IDOS OU Roteiro historico da villa de Barcelos e zona urbana de Barcelinhos (Continuação)

Vale ou Valo. Chamou-se Torre do Vale?... Ou Torre e pórtá do Valo?... Estas perguntas que ao primeiro alcance parecem de nenhuma importancia, insignificantes e sem restrição, são de categoria historica, tem muita discrepancia e diferenca na originalidade, significados insinuantes dos vocabulos, acção distincta, efeito meramente claro e vehemencia opinativa.

Pela explanação que agora faço, o leitor, vai conhecer do que se trata; porque ha revelação grande e discordante nas formalidades, mas mostra que tudo tem razão de ser: raciocine que conceituará indeciso.

Diz-se:—

a) *Vale*. Dilatou-se a Portugal o culto de N. Senhora do Vale, já muito em frequencia no Aragão, onde teve origem, por uma effigie desta titular, que de lá trouxe consigo, quando veio para nossa rainha, a princeza D. Leonôr, filha de D. Fernando I, o *justo*, soberano dos estados de Aragão e Sicilia e da rainha D. Leonor, neta materna de D. Pedro I e da desventurada D. Ignez de Castro. (1).

Foi contratado o casamento do rei D. Duarte com esta princeza a 16 de fevereiro de 1428, havendo a maior satisfação dos portuguezes e espanhoes, pela aliança entre as corôas de Aragão, de Navarra e D. João I de Portugal. solenizando se as bôdas em Coimbra a 22 de setembro seguinte.

Mandou a rainha D. Leonor colocar a effigie, para que lhe ficasse bem proxima, dentro do castelo da cidade de Lisboa, de onde a transferiram depois para a igreja de Santo Eloi, da mesma, que era canonical de S. João Evangelista.

Tinha D. Afonso, 1.º duque de Bragança e tambem cunhado da rainha, tão intima e amorosa correspondencia com os cônegos de Vilar de Frades, vivendo então n'esta vila, (assim diz o cronista), «que continuamente, ou estava com eles em pessoa, ou algum deles assistia em sua casa: a todos venerava como a santos.» Isto provou nas grandes dissensões com o arcebispo D. Fernando da Guerra, chegando a ameaçá-lo com batalha; e outro sim se viu nas persuasões a padre mestre João Vicente, desistindo-lhe acolhimento intramuros de Barcelos e com a oferta da igreja que edificara; tundo regeitando padre mestre João.

A devoção para com a Virgem do Vale, uma vez na capital, achou aqui seu eco prontamente, talvez por eficiencia do donatario é senhor desta vila, ou pelos

(1) «Mas n'joya de mayor preço, q neste templo (Igreja) de Santos Eloy de Lisboa) se guarda, & venera, he a sacratissima imagem da Senhora do Valle. Venerou-se primeiro em Roncesvalles na Reyno de Aragão, sitio conhecido pela memoravel victoria q se refere, nas historias co este nome: ali, em hua Ermida, era frequetada dos fieis pelos grãdes milagres q qos socorria: muitas vezes se ouvirão no mesmo sitio vozes de Anjos, q cantavão em louvor da Rainha de todos a *Salvé Rainha*. O titulo q q então a invocavão, era da *Conceição*. Daquelle Reyno a trouxe para este a Rainha D. Leonor mulher del Rey D. Duarte, e cá, atendendo-se ao sitio donde vinha, lhe puzerão o titulo q hoje té de *Senhora do Vale*. Muitos anos esteve na matriz do Castelo, onde a Rainha a madou collocar para a ter mais perto de si, pela assistencia, q os Reys então fazião no palacio d'Alcáçova», etc. (Padre Francisco de Santa Maria).— «O Ceo Es aberto na terra, His oriada Sagradas Congregação dos Cônegos Seculares de S. Jorge em Alga de Veneza, & de S. João Evangelista em Portugal, Lisboa—1697, liv. II, cap. XX, pag. 439».

sem a qual ninguém se sente completamente feliz.

Humilhada, mas engrandecida, a viscondessa... chorou!

Funchal, ano de 1913.

Nelly

PELO ARCIPRESTADO

Aos Rev.ºs Párocos

Lembro-lhes que é preciso não esquecer o peditorio para o Seminario diocesano, a fim de as contas do arciprestado serem impreterivelmente prestadas no tempo devido.

P.º Rios Novais.

AOS SRS. ENGENHEIROS
Papel Marion e Milimetrico,
está a venda na C. E.

ECOS & NOTICIAS

PELO CONCELHO

bons homens de Vilar, que eram tão reconhecidos da corte e da rainha, como ele.

E um nicho se lhe consagrou na torre sobre o fôssio, e da invocação dada á imagem, logo ella se apoderou, recebendo então o batismo primeiro de torre do Vale.

A torre do Vale se arruinara depois, sendo demolida no ultimo quartel do seculo XVIII (Acórdão 8-II-1794).

Mas tinha já outra denominação, a de torre da Esperança, porque a referida imagem, deixando o velho, título adquiriu um novo (Acórdão 13-X-1815).

b) Válo.

Muro, parapeito de pedra, ou de terra para vedar, defender a entrada. O nome deriva desta particularidade que já tivera, rodeando o fôssio ou terreiro exterior defronte: «vallar o arrayal com válos altos». Leão, *Crónica de D. Afonso II*; «da terra da (cava) fizerão hum grosso válo». Couto, *Décadas*, VIII, c. 20; «cobrir-se com válos e estacadas». Freire, liv. II, n.º 147.

(Veja-se A. Moraes e Silva. — *Dic. da Língua Portuguesa*, 2.º).

(Continua)

B. Antas da Cruz

O cartel dos Catholicos

Da brilhante «Revista Católica», de Vizeu, reproduzimos, com a devida venia, o sensato e oportuno artigo que no seu n.º 37, de 12 do corrente, nela publicou o seu illustre director, Mgr. Moita.

Cremos que já é tempo e mais que tempo de nos compenetrarmos todos das nossas gravissimas responsabilidades perante o problema eleitoral.

E o problema em questão é para nós o seguinte: ou nos unimos e triumphamos ou não nos unimos e somos derrotados, eternamente derrotados.

Poderá obter-se de momento uma união assaz forte para se alcançar uma victoria assaz proficua? Não o sabemos. Em these, não só podemos como devemos. Os catholicos devem sempre achar-se unidos pelos vinculos da caridade e da obediencia. A Igreja não é uma força dispersiva, mas congregante, pois o seu lema é, como ensinou o grande Pontífice — *coligere catholicos vires et collectos dirigere*.

Sucedá, porém, na pratica, que ás vezes tem mais poder pontos de vista particularistas do que as directrices fundamentaes da Igreja, o que é muito para lamentar, porque quando o patrimonio da Igreja corre risco de perder-se tudo deve fazer-se para o salvar.

Quantos deputados catholicos vão ser eleitos?

Primeira incognita a que não é possível responder por culpa nossa.

—Como por culpa nossa?!

Não haja duvida. Se houvesse a união tão desejada entre os catholicos, se houvesse uma organização eleitoral bem feita, não teriamos dificuldade em saber que em varios e não poucos circulos, a maioria absoluta seria nossa. E então talvez não fosse de 4 mas de 40 o minimo de deputados catholicos que levariamos ás camaras. A razão é porque sendo o paiz na sua quasi totalidade catholico, e havendo, como ha, uma ancia visível de vida catholica, a victoria depende em muitos casos unicamente da organização e da união.

Outra incognita. Qual o numero de deputados que, não sendo catholicos antes de tudo, mas sendo primeiro que tudo politicos e quem sabe se descrentes, se vão comprometer a defender e apoiar no parlamento as reivindicações catholicas?

Incognita ainda mais difficil de

responder, mas que nos parece dever encarar-se desde já.

Porque—se não temos força para eleger em certos circulos um deputado de nossa absoluta confiança, temo-la talvez para fazer inclinar a balança para um ou para outro lado. Ora n'estes assumptos parece que não deve perder-se de vista a maxima *do ut des*. E' simples e practico.

A dificuldade está no seguinte —é que, n'este caso, a nossa ddiva é de presente e a compensação justa será de futuro! N'um paiz, porém, onde o character anda bastante abaixo do normal, sobretudo em negocios politicos, é para receber que alguns dos possivelmente favorecidos veuham a... roer a corda, se não forem tomadas as devidas precauções.

Podem estas tomar-se? Julgamos que sim, desde que as coisas se ponham nos seus devidos termos de clareza e firmeza de compromissos.

Assim será possível avançar algum tanto no caminho da reconquista religiosa, mas não esqueçamos o principal e é que os catholicos não se fazem—á boca da urna.

A verdade eloquente é que o catholicismo de muitos é deficientissimo, e que as gerações que vão entrando na vida devem ser por nós melhor muniçadas para a lucta.

E' preciso que no coração de todo o catholico haja a par de uma grande piedade para com os homens, uma intransigencia formal, operosa contra os erros com que eles pretendem minar o edificio christão. *Diligite homines interficite errores*.

C. Moita.

UMA ESTATISTICA PAVOROSA

Um professor de Berne deu-se ao trabalho de confeccionar uma lista de *films* immoraes e dissolventes, assistidos pelos rapazes que frequentavam ao mesmo tempo uma escola primaria, durante certo periodo. E averiguou o seguinte:

1.914 scenas libertinas, 1.654 scenas de banditismo, 1.350 de embriaguês, 1.286 scenas dissolventes em familia, 1.224 assassinatos, 1.179 roubos, 1.171 scenas de fogo posto, 1.600 de rapto, etc.

Ha optimistas que persistem em vêr vantagens nesta multiplicidade de sucessos animados, acreditando que com as scenas de embriaguez se evita a tendencia para esse vicio, assim como os *films* de incendios despertam a vocação para bombeiros voluntarios...

É pavorosa a lição do animatografo dissolvente. E' inadivél o dever de todos lhe opormos uma barreira decisiva: por dever de consciencia e até por patriotismo.

Bôa replica

Dois meninos saíam da catequese:

—E' esquesito, diz um: o snr. Abade diz-nos que Deus está em toda a parte; mas eu não o vejo em parte alguma.

—E's tolo, diz o outro; quando metes um torrão de assucar num copo de agua, o assucar derrete -se; e tu ve-lo ainda?

—Não.

—E o assucar, está lá ou não?

—Está.

—Como sabes tu que ele está no copo?

—Porque, bebendo, a agua sabe-me ao assucar.

—Pois bem. Deus, é assim; está em toda a parte onde mostra a sua presença pelos seus actos; mas não se vê.

Moedas metálicas

Por occasião da passagem do 15.º anniversario da proclamação da Republica,—5 de outubro proximo—devem ser postas em circulação as novas moedas de cinco, dez, vinte e cinco centavos e de um escudo.

Numero errado

A «Acção Social» de 12 do corrente mez, sahiu com o n.º 114, quando devia ter sido com o n.º 113; e devido a esse erro, sahiu, com o n.º 115, o publicado no sabado passado.

Por isso, o presente, vai com o n.º 115 A.

Donativos

A' humanitaria associação dos Bombeiros Voluntarios desta vila, foram feitos os seguintes donativos:

Da familia do presado Abel Barreiros d'Oiveira, Esc. 50\$00; do sr. Antonio Albino Marques de Azevedo e familia em sufragio da alma do sr. Bernardo José de Carvalho, Esc. 100\$00; da viuva de Damazio Antonio Bruno, Esc. 200\$00; do sr. Antonio Martins da Fonseca Furtado, em sufragio da alma de sua esposa, Esc. 60\$00; do sr. Tenente Antonio José de Andrade Figueiredo, de Luxico, Angola, Esc. 25\$00.

Bem hajam todos.

Em Abade de Neiva

Na penultima sexta-feira, 17 do corrente mez, manifestou-se um grande incendio no estabelecimento de mercearia de que é proprietario, em Abade de Neiva, o nosso amigo sr. Manoel Dantas Junior, ardeno todo o edificio, cujos prejuizos se elevam a mais de 20 contos, segundo nos informam.

Compareceram, logo que foi dado o sinal de alarme, os Bombeiros Voluntarios desta vila, cujo trabalho foi infructifero, visto que á sua chegada já as labaredas tinham tomado toda a casa. Tambem ali estiveram os Bombeiros de Barcelinhos.

O predio estava seguro na acreditada Companhia «Indemnizadora», de que é zeloso agente, nesta vila, o acreditado negociante sr. Joaquim de Faria Peixoto.

Realisa-se amanhã, na vizinha freguesia de Abade de Neiva, uma brilhante festa em honra da sua padroeira—Nossa Senhora da Abadia.

Constará de missa cantada a orgão e vozes, exposição do SS. Sacramento, Procissão, Té-Deum e Benção.

Espozende, 12

No domingo 1.º de Outubro tem lugar nesta vila a festa em honra de Santa Quiteria.—Haverá missa soléne e procissão que percorrerá as principais ruas da vila

—O sr. dr. Duarte Carrilho, distinto professor do Liceu de Braga, que tem estado entre nós, tem escrito no «Espozendense» varios artigos de propaganda a favor da praia de Espozende, que s. ex.ª deseja que venha a ser a «praia de Braga».

—Tem estado ausente, em serviço de pregação, o Rev.º Sr. Arcipreste e pároco da vila, P.º Adelino Pedrosa.—D'um serviço de pregação, em Trazos-Montes, regressou ás Mari-nhas o digno pároco desta freguesia, sr. P.º Cubêlo Soares. Sua Rev.ª fo no dia 23 a Viana do Castelo assistir á reunião dos seus discipulos, que frequentaram o 3.º ano do Curso teológico, em Braga, em 1909 1910.

—Em Fão realisou-se, no

Mal rubro

Tem passado, com bastante intensidade, o mal rubro no gado suino, em varias terras deste districto. Dizem que na Povoia de Lanhoso e outros concelhos, essa doença infecciosa tem alastrado por forma a dizimar quasi todos os porcos.

Chamamos para o facto a atenção dos nossos lavradores, a fim de que sem perda de tempo mandem proceder á vacinação preventiva dos referidos animais.

Banco Ultramarino

Por se encontrar em goso de licença o digno gerente da Agencia do Banco Nacional Ultramarino nesta vila, sr. Manoel de Faria Carvalho, assumiu aquella função o zeloso guardalivros da mesma agencia, sr. João Oscar Moreira Barbosa.

Reforma de estradas

O sr. ministro do comercio destinou importantes verbas á reparação das estradas do paiz, obras que vão ser feitas imediatamente.

Quanto a este nosso districto de Braga, a dotação é a seguinte:

Para a estrada nacional n.º 3, troço do limite do districto, 140 contos;

Para a estrada nacional n.º 4, troço de Barcelos a Famicção, 100 contos;

Para a estrada nacional n.º 27, troço de Guimarães a Braga, a partir de Braga, 180 contos.

Nuncio de Santidade

O governo portuguez acaba de agradecer com a Cruz da Ordem de Cristo, o Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, Mgr. Sebastião Nicotra, que tem consagrado muito da sua intelligencia e do seu excepcional tacto diplomatico ao estreitamento das relações do Governo portuguez com a Santa Sé.

Apresentando ao venerando representante de Sua Santidade de as nossas saudações, com profundo respeito nos associamos a tão merecida distincção.

O feon Barcoense

Comemorando o primeiro anniversario da posse do seu Ilustre Director Artístico Ex.º Sr. Raul Casimiro, vae o nosso excelente grupo coral, no proximo dia 3, prestar-lhe as homenagens de que a nossa terra lhe é devedora

Haverá uma sessão soléne na séde da Agremiação inauguração da escola e á noite um espetaculo abrilhantado pelo grupo scenico do Orfeon do Porto.

domingo passado a festa em honra de Nossa Senhora da Bonança, na capela desta associação, proximo do mar.

—Desta praia retiraram para Braga com suas familias o sr. dr. Major João R. Batista, muito digno Comandante da G. N. R. d'aquella cidade sr. Dr. Costa Palmeira e para Ponte de Lima o sr. Candido Ramalha, conceituado farmacêutico.

—Foram passar uma temporada em Barcelos, a fim de fazer um tratamento em Eirôgo, as snr.ªs D. Maria P. Magalhães e D. Sara Cardoso Lopes.

—Em Fão tem passado incomodado o sr. Antonio J. P. Vila-Chã, que recebeu a visita de seus sobrinhos, sr. abade de Abade do Neiva e tenente coronel sr. Francisco Vila Chã.

Adelio Silva

Medico

Consulta das 10 ás 12 h.

Campo da Feira, 53

Residência:

R. de Infante D. Henrique

Macieira 21

A 26 do mês passado baptisou-se uma filha de Antonio Lopes da Costa Mariz, tendo recebido o nome de Maria e sendo padrinhos João L. da Costa Mariz e Tereza de Oliveira dos Santos; e com o nome de José um filho de Antonio de Araujo de Oliveira, sendo padrinhos João Rodrigues Gomes e Clementina de Araujo Oliveira.

E, neste corrente mês, a 6, uma filha de Manuel da Silva Miranda, recebendo o nome de Ana e sendo padrinhos José Alves da Costa e Ana Joaquina da Silva; e com o nome de Ana da Conceição, uma filha de João Alves da Costa, e sendo padrinhos José Alves da Costa e Ana da Conceição Alves da Costa; e, no dia 11, uma filha de Antonio Maria de Afonseca, recebendo o nome de Elisa e servindo de padrinhos Lino José de Carvalho e Maria dos Santos Mariz.

—Victimado pela tuberculose, única fortuna que foi buscar ao Brazil, faleceu a 15, com 22 anos de idade, Joaquim Campos de Carvalho filho unico da viuva Ana Ferreira Campos. Não lhe faltaram os carinhos da mãe e da avó e os sacramentos que a tempo recebeu. Como amigo do Joaquim, lastimo que faltassem, a orvalharem-lhe a alma, os officios fúnebres costumados. A sr.ª Ana manda na sua casa; mas, se amava a valer seu filho, melhor procedia tendo poupado outras verbas e nunca esta. Ainda está a tempo de reconsiderar desprezando maus conselheiros.

Creixomil

E' nos dias 3 e 4 do proximo mez de Outubro que se realiza nesta freguesia a festividade em honra de Nossa Senhora do Rosario, constando de festa religiosa com sermão e procissão, e arraial diurno e noturno. Esta festa será abrilhantada por duas bandas de musica e os typicos Zés Preiras.

Cambezes, 24

Regressou da Povoia de Varzim, onde esteve em tratamento da saude, o Rev.º Paroco desta freguesia.

Tambem regressaram da mesma praia os nossos amigos snrs. Lino Gomes de Sá, José Rodrigues Martins e Antonio d'Araujo Campos Pinto com as suas respectivas familias. Estimamos que todos chegassem bons.

Continuam doentes os nossos amigos snrs. Joaquim Antonio Martins e Joaquim Gomes de Sá. Guardam o Leito os snrs. Porfirio José d'Araujo e Maria de Miranda.

Faleceu repentinamente a mendiga Josefa Gomes. Trabalhou enquanto pôde, viveu uma vida honesta, ruas, tendo enlouquecido ultimamente, em virtude um desastre fatal, arto uma vida triste, desde ha dois anos para cá.

Paz á sua alma. Tivemos a honra de cumprimentar o Ex.º Cônego Insue-las, professor do Seminário e Arcipreste de Braga. Vinha em serviço de pregação, á vizinha freguesia de Cunha, onde se realisava a festa da N. Senhora do Carmo.

As uvas tintas tem desaparecido cada vez mais e a natureza encontra-se atrazadissima. Por este caminhar teremos escassa co heita e vinho de pessima qualidade.

PENÇÃO

Para meninos e meninas que venham frequentar a Escola Primaria Superior, nesta redacção se diz.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA *oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.*

ENCADERNAÇÃO *oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.*

PAPELARIA *vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritório.*

NOVA PADARIA

A Panificadora, Limitada

Rua Infante D. Henrique

Estabelecimento ótimamente montado, obedecendo a todas as condições hygiénicas, de asseio e limpeza. Fabrico de todos os tipos de pão fino e semias, para o que tem pessoal habilitado.

Fabrico especial de PÃO DOCE

Experimentem e confrontem, para preferirem esta **NOVA PADARIA**, que prima em bem servir o publico.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

DE
JOÃO DE SOUSA

Rua D. Antonio Barroso, 13 e 15

BARCELOS

Grande sortido de casimiras, cheviotes e picotilhos, proprios para fatos e sobretudos.
Flanelas e casimiras pretas para fatos.
Variado sortido de tecidos para vestidos de senhora.
Cotins, riscados, flanelas, fantasias, cassas, fustões, armures, chales pretos e de côr, etc., etc.

Completo sortido em miudesas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & SOUZA

Barcelos

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas emuitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGERS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,